

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL MENOR: análise narrativa de um simulado aplicado no 3º ano do ciclo de alfabetização

Edilene Fernandes Leal - UFPA

edleal974@hotmail.com

Arthur Gonçalves Machado Júnior - UFPA

agmj@ufpa.br

Resumo: Neste artigo, descrevemos o processo de avaliação diagnóstica de um simulado aplicado pelos orientadores do PNAIC, nas turmas de terceiro 3º ano do ciclo de alfabetização, séries iniciais do Ensino Fundamental, nas escolas municipais do Município de Marabá, Sudeste do Pará. Para esta análise, optamos apenas por uma escola, como amostra da avaliação realizada, cujo objetivo foi verificar quais as habilidades os alunos desenvolveram e quais ainda precisariam desenvolver, ao final do ciclo de alfabetização, referentes às componentes curriculares de Língua Portuguesa e de Matemática. Com os resultados foi possível identificar lacunas existentes na organização do trabalho pedagógico do professor/escola, e implementar intervenções pontuais para possíveis redimensionamentos no planejamento das ações pedagógicas do professor/escola em que foi realizada a devolutiva com os resultados da avaliação.

Palavras-chave: Avaliação Diagnóstica; Ciclo de Alfabetização; Ensino Fundamental.

Quando contamos nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas, pois passam a fazer parte da vida do outro (LARROSA, 1998, p.38).

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo narrar uma prática avaliativa, planejada e realizada por um grupo de professores – orientadores de estudo – que fazem parte do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)¹ no Município de Marabá, Sudeste do Pará.

Nossa pretensão em analisar e apresentar esta prática de avaliação, que de agora em diante identificaremos como prática de avaliação diagnóstica (AD). Decorre da necessidade de divulgação e de conhecimento situado sobre avaliações em larga escala, contexto importante, porém, pouco difundido entre gestores e professores, como a utilizada nesse estudo como referência, a Avaliação Nacional da Alfabetização na Idade Certa (ANAIC).

Mais conhecida como ANA, essa avaliação censitária é pensada e aplicada pelo INEP sob a supervisão do MEC. Seus resultados “escalonados” por escolas, municípios, estados,

¹ É um acordo formal assumido pelo MEC, Governo federal, estados, municípios Secretarias de Educação e entidades para firmar o compromisso de alfabetizar crianças até no máximo 8 anos de idade, ao final do primeiro ciclo de alfabetização.

regiões e nacional, além de verificar e apresentar o nível de alfabetização em linguagem e em matemática dos alunos brasileiros que estudam na rede pública – municipal, estadual, e federal – de ensino, também tem como objetivo apontar caminhos através de programas – GESTAR I; PROLETRAMENTO; PINAIC; etc – para formação do professor, bem como, para aprendizagem dos alunos nesse nível de ensino.

Motivados por esses princípios e pelo envolvimento no PNAIC, a equipe de gestores e de orientadores envolvidos na formação dos professores e na aprendizagem dos alunos da referida rede de ensino, resolveu elaborar e aplicar um simulado – pensado segundo os princípios de elaboração e de correção propostos pela ANA – nas turmas de 3º ano da rede municipal.

Os resultados encontrados possibilitaram a equipe, inferir sobre quais habilidades – de Língua Portuguesa, Matemática, eixo leitura e nível de proficiência em escrita de acordo com a Avaliação ANA – os alunos já tinham consolidado, e quais ainda precisariam ser consolidadas, bem como, foi possível subsidiar o trabalho durante a formação dos professores, no contexto de formação do PNAIC, de forma a garantir que essas habilidades sejam desenvolvidas de forma significativa considerando as aprendizagens inerentes ao ciclo de alfabetização em foco.

2. Das tensões relativas à implantação da Avaliação Diagnóstica nas escolas

Foram constantes as discussões e reflexões acerca dos caminhos que seriam utilizados para chegar até as escolas selecionadas para implementação da Avaliação Diagnóstica, como ferramenta norteadora das práticas escolares. Esse cuidado se fez necessário, mesmo na condição de orientadores de estudo do PNAIC, em função do espaço complexo no qual se constituiu/constitui a gestão de um espaço escolar.

Apesar dos receios, os orientadores tinham consciência da necessidade de implementação de uma postura/prática avaliativa no interior da escola. Consciência que vinha sendo construída ao longo dos últimos anos, isso porque, parte da equipe já vinha acompanhando e auxiliando, sempre que necessário, as práticas desses professores relacionadas ao ensino e as aprendizagens dos alunos, ou seja, por muitas vezes esses professores foram observados e os resultados dessas observações eram apresentados e refletidos nas formações e nos momentos de acompanhamento pedagógico.

Contudo, não tinham como negar que práticas de avaliação, principalmente diagnóstica, causavam instabilidades no ambiente escolar. Ao longo do acompanhamento pedagógico desses docentes, deixavam claro que gestão e principalmente professores e alunos, não estão acostumados com esse tipo de prática pensada e aplicada no interior da escola, como ferramenta para (re)orientar as práticas escolares. Sobre esses estranhamentos, Hoffmann (2014) afirma que:

É necessária a tomada de consciência dessas influências para que a nossa própria prática avaliativa não reproduza, inconsciente, a arbitrariedade e o autoritarismo que contestaram pelo discurso. Temos de desvelar contradições e equívocos teóricos dessa prática, construindo um novo significado para avaliação e desmistificando-a de fantasmas de um passado ainda muito em voga (HOFFMANN, 2014, p. 17).

Como bem apresenta a autora, para o exercício da autonomia – liberdade de expressão, livre arbítrio, etc – no ambiente escolar, é preciso que a escola tenha clareza dos princípios que norteiam a concepção de educação, de escola, de gestão e de avaliação no seu sentido amplo, social, afetivo e democrático sobretudo, como o fio condutor entre ensino e aprendizagem, pensar a avaliação para as aprendizagens é pensar na forma como os alunos aprendem, que saberes eles mobilizam na construção de novos conhecimentos de que forma pode ser a mediação entre os saberes existentes e os saberes subsequentes. Para tanto, é necessário que os docentes compreendam o real objetivo da avaliação como ponto de chegada e de partida, podendo assim, redirecionar as práticas de acordo com a especificidade dos sujeitos envolvidos, professor/aluno.

Conscientes da necessidade e pensando na busca desses princípios, que o grupo de orientadores resolveu enfrentar os percalços e implementar no 3º ano do primeiro ciclo de alfabetização, a avaliação diagnóstica como ferramenta capaz de nortear práticas no ambiente escolar, na rede municipal de Marabá.

3. Sobre o processo de implementação da Avaliação Diagnóstica nas escolas

Para a aplicação ser desenvolvida de forma organizada, elaboramos um cronograma com 15 formadores, distribuídos em dias e horários agendados com as escolas. Para a aplicação da avaliação o professor regente teria que permanecer na sala de aula para resolver se necessário, eventuais situações que pudessem ocorrer na sala de aula.

O tempo para os alunos responderem ao caderno de questões foi de uma hora e quarenta minutos, dividido em duas partes de 50min cada.

A aplicação dessa avaliação diagnóstica não foi para nos determos apenas em conhecer o resultado. Assim, nos indaga Hoffmann (2014, p. 71) “por que testamos algo? Para experimentar, investigar, verificar seu funcionamento e, talvez, consertar mudar o jeito de usar, aprender sobre seu uso, etc”. Dessa forma, é necessária a compreensão por parte de quem realiza uma atividade como essa, que tenham objetivos que possibilitam a contribuição necessária para possíveis redirecionamentos nas ações pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, porém, quando o objetivo é investigar e verificar é preciso tomar decisões que estejam além do que os professores percebem.

O simulado teve as questões objetivas de Língua Portuguesa e Matemática, incluindo a produção escrita, foi planejado e corrigido considerando as habilidades para o terceiro ano, ciclo de alfabetização. Com a produção escrita, tomamos como parâmetro para a correção os níveis de proficiência da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) disponibilizada pelo Ministério da Educação

A avaliação (ANA) está direcionada para as unidades escolares e estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental, fase final do Ciclo de Alfabetização, e insere-se no contexto de atenção voltada à alfabetização. A Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA produzirá indicadores que contribuam para o processo de alfabetização nas escolas públicas brasileiras. Para tanto, assume-se uma avaliação para além da aplicação do teste de desempenho ao estudante, propondo-se, também, uma análise das condições de escolaridade que esse estudante teve, ou não, para desenvolver esses saberes.

A estrutura dessa avaliação envolve o uso de instrumentos variados, cujos objetivos são: aferir o nível de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e alfabetização em Matemática das crianças regularmente matriculadas no 3º ano do ensino fundamental e as condições de oferta das instituições às quais estão vinculadas, ou seja:

- i) Avaliar o nível de alfabetização dos educandos no 3º ano do ensino fundamental;
- ii) Produzir indicadores sobre as condições de oferta de ensino;
- iii) Concorrer para a melhoria da qualidade de ensino e redução das desigualdades, em consonância com as metas e políticas estabelecidas pelas diretrizes da educação nacional.

Para a correção e tabulação de dados foi elaborado uma ficha com as habilidades que contemplam as questões da avaliação diagnóstica com as habilidades referente aos componentes curriculares, Língua Portuguesa e Matemática.

MATEMÁTICA

EIXOS		DESCRIÇÃO	
NÚMEROS E OPERAÇÕES	HABILIDADES	H2	Associar a denominação do número à sua respectiva representação simbólica.
		H4	Comparar ou ordenar números naturais.
		H7	Resolver problemas que demandam as ações de comparar e completar quantidades.
		H8	Cálculo de adições e subtrações
		H9	Resolver problemas que envolvam as ideias da multiplicação.
		H10	Resolver problemas que envolvam as ideias da divisão.
GEOMETRIA		H12	Reconhecer as representações de figuras geométricas espaciais
GRANDEZAS E MEDIDAS		H14	Identificar e relacionar cédulas e moedas.
		H15	Identificar, comparar, relacionar e ordenar tempo em diferentes sistemas de medida.
TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO		H18	Identificar informações apresentadas em gráficos.

LINGUA PORTUGUESA

EIXO		DESCRIÇÃO	
LEITURA	HABILIDADES	H1	Ler palavras com estrutura silábica canônica.
		H2	Ler palavras com estrutura silábica não canônica.
		H3	Reconhecer a finalidade do texto.
		H4	Localizar informações explícitas em textos.
		H5	Compreender os sentidos de palavras e expressões em textos.
		H7	Realizar inferências a partir da leitura de textos que articulem a linguagem verbal e não verbal.
		H8	Identificar o assunto de um texto.

NÍVEL PROFICIÊNCIA EM ESCRITA – ANA

NÍVEL 1	Neste nível, foram agrupados desde os alunos que, em geral, são capazes de: - Escrever palavras com sílabas canônicas (consoante e vogal) e não canônicas, com alguma dificuldade, pela omissão e/ou troca de letras; até os que são capazes de: - Escrever ortograficamente palavras marcadas pela presença de sílabas canônicas. Escrever ortograficamente palavras com sílabas não canônicas;
NÍVEL 2	Escrever textos incipientes apresentados na forma de apenas uma frase; Produzir textos narrativos, que apresentam ausência ou inadequação dos elementos formais (segmentação, pontuação, ortografia, concordância verbal e concordância nominal) e da textualidade (coesão e coerência), evidenciando ainda um distanciamento da norma padrão da língua.

NIVEL 3	Escrever textos narrativos com mais de uma frase, a partir de uma situação dada; Produzir textos narrativos com poucas inadequações relativas à segmentação, concordância verbal e concordância nominal, embora com algum comprometimento dos elementos formais e da textualidade, evidenciando uma aproximação à norma padrão da língua.
NIVEL 4	Produzir textos narrativos, a partir de uma situação dada, atendendo adequadamente ao uso de elementos formais e da textualidade, evidenciando o atendimento à norma padrão da língua.
SEM PRODUÇÃO	Cadernos de prova que não foram pontuados por conter a escrita de palavras sem relação semântica com a imagem apresentada ou escrita incompreensível.

Ao iniciar a aplicação da avaliação, foi possível perceber a amplitude da atividade a qual tínhamos nos comprometido, no sentido de que quando foi pensado em realizá-la, não foi somente para saber como se encontravam os alunos em suas aprendizagens, poderíamos saber embora não com a mesma proporção, pelas estatísticas das escolas que a secretaria dispõe e que há muitos anos toma como ponto de partida para análise e discussão com os gestores em busca de melhoria na qualidade do ensino e aprendizagem.

De acordo com o exposto, esta avaliação foi um diferencial das demais, no que tange ao objetivo principal, de fazer uma devolutiva para cada escola em que foi aplicado o simulado, pautada no resultado não somente para ser apresentado às escolas/professores, chamar a atenção, mas, sobretudo discutir com a equipe pedagógica, gestores e professores adentrando ao espaço escolar convidando-os a refletirem sobre o resultado para tomarem novos direcionamentos em busca de atingir os objetivos do ciclo de alfabetização.

Para a análise que será apresentada posteriormente da avaliação diagnóstica desenvolvida, optou-se por uma amostra compreendendo a especificidade existente em cada espaço escolar, assim como a complexidade em fazer a devolutiva a partir dos resultados, por ser uma pesquisa de caráter extenso, foi escolhida uma das escolas em que foi realizada a avaliação para dialogarmos sobre a importância da avaliação no contexto educacional, em específico da referida instituição por ser considerada inerente ao ensino aprendizagem podendo assim, ser o fracasso ou sucesso dos sujeitos envolvidos especificamente professor/aluno.

A análise se dará em forma de narrativa, dialogada, ao mesmo tempo em que será narrada, será apresentada reflexões, relatos de professores registrados durante as discussões que surgiram no momento da devolutiva. Não poderia deixar de dar ênfase nesta parte por ter sido a meu ver a mais importante nesta atividade, as falas dos professores revelam suas experiências, saberes e subjetividades.

No processo avaliativo a compreensão pelo professor é parte fundamental para as mudanças significativas na sala de aula, considerações cruciais também serão apresentadas com base nos resultados, nos relatos dos professores pautada em pressupostos teóricos sobre a importância de a escola conceber a avaliação numa perspectiva diagnóstica que apresenta pontos importantes relacionados ao ensino aprendizagem, o que os alunos sabem, o que precisam saber, portanto, precisa ser considerada como o fio condutor entre o ensino/aprendizagem, ao avaliar as aprendizagens é preciso que o professor tenha o conhecimento de que o ensino também está sendo avaliado. Para tanto, é necessário lançar mão de práticas isoladas, e em muitas situações o agir sem consciência.

Para iniciar me apresentei à equipe pedagógica como formadora de professores pelo programa PNAIC, não foi possível aplicar o simulado e fazer a devolutiva nas escolas em que cada formador acompanha, pelo fator quantitativo de escolas e de formadores suficientes. Informei os objetivos da aplicação e da minha presença naquele momento para a devolutiva que seria para apresentar, discutir com a equipe pedagógica da instituição os dados revelados em relação às habilidades consolidadas e quais ainda precisariam ser consolidadas e que a partir das discussões poderiam surgir a necessidade de possíveis redirecionamentos das ações em busca de um resultado com qualidade, e que um dos objetivos primeiros de acordo com os resultados seria subsidiar o trabalho do professor.

Nessa perspectiva Hoffmann (2004, p. 24) “A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões”.

Considerando-se os objetivos da avaliação como possibilidades de retomada das ações para a garantia do desenvolvimento das habilidades propostas para o ciclo de alfabetização, durante a devolutiva foi realizado alguns questionamentos: *qual o significado de determinadas respostas dos alunos nesse momento do processo de aprendizagem? Como partir do conhecimento produzido até esse momento para auxiliar o aluno a ir além, a ampliar o seu saber?*

4. Análise dos resultados que emergiram da Avaliação Diagnóstica nas escolas

No decorrer dessa análise podem surgir algumas possibilidades para a construção e reconstrução de conceitos construídos pelos professores acerca do que vem a ser a avaliação/concepções dentro da especificidade por ser única, mas, composta por muitas faces de acordo com o que pensa, sua subjetividade, saberes, conhecimentos e predisposição para o fazer pedagógico.

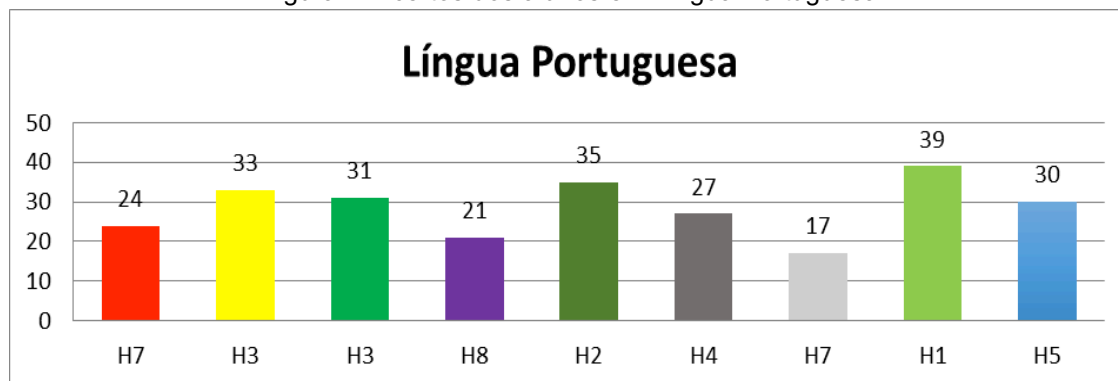
Para a referida análise da avaliação desenvolvida apresentaremos como um dos lócus da pesquisa o recorte que me referi anteriormente de uma escola que intitulemos com o nome fictício “Escola Municipal de Ensino Fundamental Séries Iniciais”, situada no bairro de Nova Marabá, na cidade de Marabá. A aplicação da avaliação foi realizada em duas turmas de terceiro ano em que 49 alunos contemplando as duas turmas responderam o caderno de questões.

A escolha da escola para esta análise, foi devido ao desencadeamento das discussões que nos chamou a atenção por conta do resultado da avaliação, pela pequena quantidade de alunos que participaram do simulado, muitas lacunas existentes no espaço escolar, em específico o pedagógico como: o que considerar no ato de planejar as atividades para a turma considerando os componentes curriculares, conteúdos, atividades adequadas aos níveis de desenvolvimento, intervenções, a escola não tinha coordenador pedagógico para dar o suporte necessário aos docentes.

Neste sentido, Hoffmann (2004, p.46) corrobora “para que se reconstrua o significado da ação avaliativa, é necessário revitalizá-la no dinamismo que encerra de ação-reflexão-ação no dia a dia das salas de aula”.

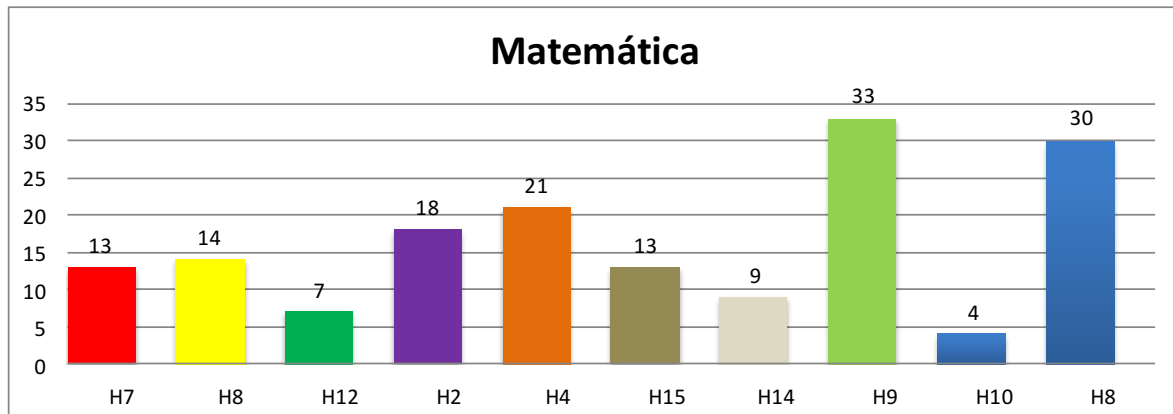
Diante das lacunas apresentadas e acerca do que poderia ser melhorado e retomado, propusemos aos professores que colocassem suas considerações, compreensões e inquietudes diante do que foi discutido, o que poderia ser redirecionado no plano de trabalho da escola, o que realmente era importante ser repensado para o ensino aprendizagem naquele momento em que os resultados se configuravam com um grande número de alunos que ainda não tinham o domínio da leitura, escrita e de cálculos.

Figura 1: Acertos dos alunos em Língua Portuguesa



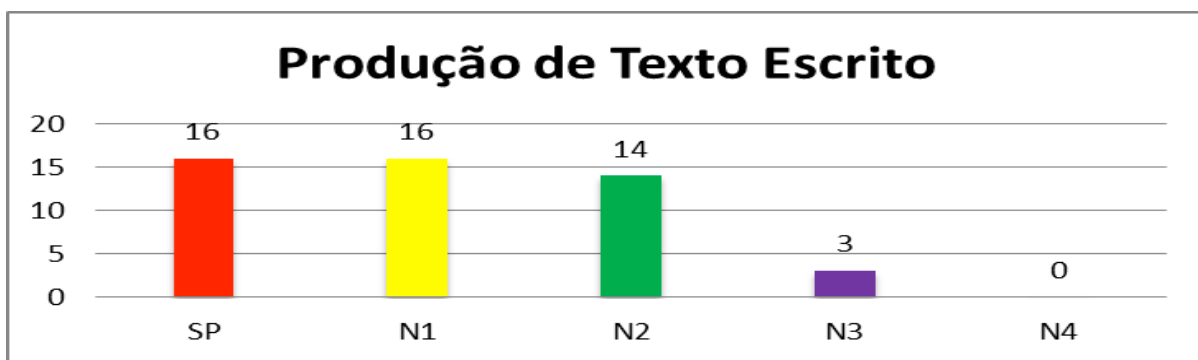
Fonte: Departamento de Formação Continuada - Secretaria Municipal de Educação de Marabá

Figura 2: Acertos dos alunos em Matemática



Fonte: Departamento de Formação Continuada - Secretaria Municipal de Educação de Marabá

Figura 3: Níveis de proficiência em Produção Escrita



Fonte: Departamento de Formação Continuada - Secretaria Municipal de Educação de Marabá

As informações apresentadas nos gráficos 1, 2 e 3, evidenciam os acertos obtidos pelos alunos das questões contidas no simulado da Avaliação Diagnóstica, de acordo com as habilidades apresentadas nas tabelas anteriormente, com os componentes curriculares, Língua Portuguesa e Matemática com os respectivos eixos. As letras H numeradas significa as habilidades constantes na ficha. As letras N no gráfico 3, significa Nível de proficiência da ANA, conforme consta na ficha. Os números em cada barra representam o quantitativo de acerto dos 49 alunos que responderam o caderno de questões. As cores contidas nos gráficos é para melhor visualização para a compreensão.

5. O que pensam os professores a partir do resultado apresentado

A partir das discussões e com base nos questionamentos acerca do resultado, uma das professoras fez o seguinte relato:

Eu estou fazendo errado quando proponho a produção escrita somente a partir de um desenho, outras atividades também, porque o resultado é

a
assustador com tantos alunos que não sabem ler ou não compreendem o que estamos propondo para eles, preciso que alguém verifique meu planejamento para me informar em que estou precisando melhorar, eu sozinha não estou conseguindo ver (Professora A).

Essa fala parte do conhecimento que ela teve neste momento devido ter sido apresentado o caderno das questões e distribuídos a elas para acompanharem a análise coletiva dos resultados da escola. A avaliação deveria ser um momento de “fôlego”, uma pausa para pensar a prática e retornar a ela, como um meio de julgar a prática, sendo utilizada como uma função diagnóstica. (LUCKESI, 1995).

A prática da avaliação nesta unidade de ensino, não toma como significativo o que fazer a partir do diagnóstico, a avaliação dessa forma se torna sem sentido. Na equipe pedagógica há uma professora iniciante nas séries iniciais do ensino fundamental, que nos indagou da seguinte maneira: “eu gostaria de saber quais propostas teríamos para contribuirmos com o trabalho dela, e que estava com a necessidade de orientações uma vez que a escola por longo tempo não dispunha de coordenador (a) pedagógico, outra professora afirmou que ainda não tinha compreendido o planejamento considerando os direitos de aprendizagem.

Os relatos das professoras evidenciam que a escola não tinha conhecimento de em que situação estavam os alunos das turmas de terceiro ano no que tange as aprendizagens, que o seu trabalho assim como das demais, necessita de um acompanhamento sistemático para realização de direcionamentos a partir dos saberes existentes em busca de uma compreensão pertinente ao que se propõe a desenvolver na sala de aula, de forma a garantir que os alunos aprendam de forma significativa, a avaliação diagnóstica exige tomada de decisão, “para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos” (LUCKESI, 2000, p. 43).

Para tanto, ressaltamos que o papel do coordenador pedagógico é primordial, para o trabalho do professor, o mesmo tem como atribuição maior a formação dos professores no espaço escolar, acompanhar, verificar orientar e ter competências inerentes a esta função para olhar além do que o professor consegue perceber, só assim, poderá contribuir significativamente com o ensino e aprendizagem. Avaliar significa compreender a teoria que norteia o processo de avaliação, tendo-o como direção estratégias diversificadas para reorientar a prática.

Para que elas compreendessem o que poderia está acontecendo com o planejamento e considerando as formações que os professores participaram, apresentamos alguns apontamentos para que tomassem conhecimento de fato dos direitos de aprendizagem para o terceiro ano, e as habilidades que os alunos precisam consolidar durante o ano e ao final do ciclo de alfabetização,

assim como os conteúdos e a metodologia desenvolvida que possibilitam ou não o desenvolvimento das habilidades necessárias, rever o planejamento seria crucial. Ainda com relação à forma de como deve ser considerado a aplicação do teste nos diz Hoffmann (2014, p. 77) que “O teste é também um instrumento de investigação sobre a ação de ambos os sujeitos envolvidos no processo educativo; aluno e professor”.

Dessa forma, ao desenvolver uma atividade avaliativa é preciso termos conhecimentos de que estaremos verificando/investigando não somente o que os alunos sabem como também, o que o professor sabe e precisa saber para contribuir com a aprendizagem dos alunos.

6. A Título de Conclusões e Considerações Finais

Diante da experiência realizada, foi possível conhecer de maneira mais próxima quais habilidades os alunos do terceiro ano ensino fundamental, da rede de ensino do município de Marabá teriam desenvolvidas e quais ainda precisariam desenvolver com os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática. Desafios diversos no decorrer da aplicação por conta da amplitude da atividade. No entanto, necessário para um diagnóstico das aprendizagens para que fossem realizadas intervenções necessárias em busca das possibilidades de contribuições pontuais por parte dos formadores, uma vez que esse diagnóstico revelaria o que os professores alfabetizadores tinham realizado na sala de aula, em conformidade com seus conhecimentos, estudos e discussões nas formações do PNAIC e do acompanhamento pedagógico.

A natureza da atividade diagnóstica desenvolvida teve uma aceitação positiva, os professores ao saberem que após a tabulação de dados realizaríamos uma devolutiva presencial, para que eles pudessem compreender de forma sistemática o que poderia estar faltando ou precisando de um redirecionamento na ação docente para melhor desenvolverem o fazer na sala de aula. Para isso, foram discutidas todas as questões e o texto escrito, fazendo a análise com as habilidades. Como está registrado na fala de uma professora ficou evidente que alguns professores não estavam compreendendo como planejar atividades em consonância com a habilidade e conteúdo assim como a adequação considerando os níveis de desenvolvimento dos alunos, outros fatores como acompanhamento por parte da equipe gestora diretor /coordenador pedagógico/orientador educacional também ficou em evidências.

De acordo com o desenvolvido e do resultado apresentado neste trabalho, apesar de muitos professores terem participado de várias formações como: Gestar I, Pró-Letramento e atualmente PNAIC ainda precisa construir e reconstruir saberes necessários para o fazer pedagógico, situação constante para o ensino aprendizagem. Com as devolutivas realizadas nos espaços escolares em que foi desenvolvido o simulado, situações reveladoras como a necessidade de um suporte maior aos professores, em específico o pedagógico, há espaços que tem estrutura física, material e humana, portanto, grande potencial, é necessário uma orientação que também precisa de suporte, não é somente o professor que se encontra no âmbito educacional com necessidades de cunho teórico/metodológico e pedagógico, mas equipe em si.

Dessa forma, sugerimos que a equipe de orientadores/formadores retornem aos espaços escolares em que foi desenvolvida a avaliação diagnóstica, e organize sistematicamente juntamente com a equipe pedagógica da escola, se preciso for realizar formação continuada na escola, uma vez que as situações problemas são específicas de cada instituição, que seja pensado também a formação para a equipe gestora, fortalecendo a importância do seu trabalho juntamente aos professores para que seja se não solucionadas minimizadas as questões que geram dificuldades e possam garantir o desenvolvimento das habilidades de cada ano do ciclo de alfabetização.

7. Referências

AVALIAÇÃO NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/saeb/ana>. Acesso em 13 de janeiro de 2016.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 44. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2014.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. Barcelona: Laertes, 1998.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2000.